III DOMINGO DA PÁSCOA B 2021



Voltemos com alegria à comunidade,

de corpo e alma, à mesa da Eucaristia!

**Ritos Iniciais**

**Monição inicial**

P. Voltamos a casa, reunidos em Igreja, para o encontro com Cristo, à volta da mesa da Palavra e da Eucaristia. Jesus coloca-Se no nosso meio. “*Ele está presente no meio de nós quando nos reunimos no seu amor e, como outrora aos discípulos de Emaús, Ele nos explica o sentido da Escritura e nos reparte o pão da vida*” (Oração Eucarística V). Nós abeiramo-nos do Senhor, “*espantados e cheios de medo*” (*Lc* 24,37), por causa dos nossos pecados. Mas estamos cheios de confiança, pois “*se alguém pecar, nós temos Jesus Cristo, o Justo, como advogado junto do Pai*” (*1* *Jo* 2,1).

**Ato penitencial**

P. Invoquemos o perdão e a remissão dos pecados.

P. Senhor, Autor da Vida, a quem o Pai ressuscitou dos mortos, Senhor, tende piedade de nós.

R. Senhor, tende piedade de nós!

P. Cristo, Messias Crucificado, Morto e Ressuscitado, para a nossa salvação, Cristo, tende piedade de nós.

R. Cristo, tende piedade de nós!

R. Senhor, Servo, Santo e Justo, a quem o Pai glorificou pela Ressurreição de entre os mortos, Senhor, tende piedade de nós!

R. Senhor, tende piedade de nós!

**Hino do Glória | Oração coleta**

**Liturgia da Palavra**

**Homilia no III Domingo da Páscoa B 2021**

O Evangelho deste domingo evidencia três dimensões muito importantes para desconfinarmos a Páscoa e tornarmos possível, real e não *virtual*, o nosso encontro com Cristo Ressuscitado: ***a comunidade, a corporeidade, a comensalidade***.

**1. *A comunidade*:** Os discípulos de Emaús regressam à comunidade primeira, ao grupo dos onze Apóstolos, donde tinham desertado. Ali dão testemunho do seu encontro com Cristo no caminho de Emaús e, em casa, ao partir do Pão. Ali recebem o testemunho dos outros Apóstolos, que viram o Senhor. Ali, juntos, em comunidade, fazem a experiência de Cristo, que está no meio deles, desse Cristo que os precede no caminho e os preside à mesa. Sozinhos, duvidam. Sozinhos, não sabem se estão a sonhar, a delirar, a ver um fantasma. É no encontro e no confronto, no seio de uma comunidade viva, que podem realmente crescer na fé e no testemunho. Ninguém pode dispensar-se da comunidade. “*Ninguém pode encontrar a vida isoladamente; precisamos de uma comunidade que nos apoie, que nos auxilie, e dentro da qual nos ajudemos mutuamente a olhar em frente. Sozinho, corres o risco de ter miragens, vendo aquilo que não existe; é juntos que se constroem os sonhos*” (FT 8), é juntos que se faz comunidade! Que este pensamento nos ajude a vencer a ilusão de que podemos confinar a fé ao recanto da nossa casa, de que não precisamos de uma comunidade reunida, como grande família de irmãos.

**2. *A corporeidade*:** O relato desta aparição do Ressuscitado insiste muito na importância do corpo, das mãos e dos pés, da carne e dos ossos de Jesus.O corpo não é um obstáculo, nem uma prisão da alma. Por isso, uma fé *viral e virtual*, imaginária, desencarnada, que dispense o corpo e os seus sentidos, é apenas um ilusório sentimento religioso. A vida cristã não se realiza fora desta esfera corpórea e material, porque em Jesus Cristo, o Verbo fez-Se Carne e a nossa carne tornou-se via de salvação. Por isso, rezamos e celebramos também com o corpo: o corpo entra na oração e participa na liturgia, porque esta é acontecimento, é presença real, é encontro pessoal com Cristo. Ora, Cristo torna-Se presente, no Espírito Santo, através dos sinais sacramentais da água, do azeite, do pão e do vinho, que nos lavam, perfumam, alimentam, curam e fortalecem. Não podemos participar na liturgia a meio corpo, mas de corpo inteiro, através dos sentidos ampliados pela fé: o ouvido, a visão, o tato, o olfato, o paladar. A Eucaristia, por exemplo, não pode ser só *ouvida*, como se nós fôssemos meros espectadores. Ela requer os olhos e a visão da fé, ela dá-nos o pão a comer e a saborear. Ela requer-nos de corpo e alma.

**3.** Comunidade e corporeidade convergem na ***comensalidade***. Precisamos de nos encontrar à mesa da Eucaristia. Jesus disse-lhes: «*Tendes aqui algo para comer?*» (Lc 24,41). É sempre na sala da Ceia, a comer e à volta de uma mesa, que o Ressuscitado Se manifesta. É ao partir do pão que os discípulos O reconhecem vivo e ressuscitado. Este alimento à mesa não pode ser substituído por pastilhas eletrónicas.Não podemos ficar satisfeitos com uma Missa pela televisão, pelo Facebook, como não podemos matar a fome a ver programas do *MasterChef*. Na verdade, um cristianismo sem liturgia, sem corpo e sem comunidade, é também um cristianismo sem Cristo, sem corpo e sem alma.

Fique então claro para todos, agora que começamos a desconfinar: «*Uma familiaridade com Cristo sem comunidade e sem pão, sem povo e sem sacramentos, é perigosa. Pode tornar-se uma familiaridade gnóstica»* (Papa Francisco, *Homilia*, 17.04.2020), isto é, aparente, sem consistência, sem vitalidade real*.* Tenhamos, por isso, cuidado em não nos acomodarmos ao sofá das transmissões das celebrações pela *internet* ou pela TV. «*Cuidado* *para não viralizar a Igreja, os sacramentos, o povo de Deus. A Igreja, os sacramentos, o povo de Deus… são concretos»,* são matéria, são para gente de carne e osso. Desconfinemos a Páscoa. Voltemos, com alegria, à comunidade, de corpo e alma, à mesa da Eucaristia.

**Profissão de fé**

P. Renunciais ao pecado, para viverdes na liberdade dos filhos de Deus?

R.Sim, renuncio.

P. Renunciais à mentira, para guardardes o mandamento do amor?

R.Sim, renuncio.

P. Renunciais à ignorância, para abrirdes o vosso entendimento à Palavra das Escrituras?

R.Sim, renuncio.

P. Agora, professemos a nossa fé.

P. Credes em Deus Pai, o Deus de Abraão, de Isaac e de Jacob, que glorificou o Seu Servo Jesus, ressuscitando-O dos mortos?

R. Sim, creio!

P. Credes em Jesus Cristo, o Santo e o Justo, que junto do Pai intercede por todos e por cada um de vós?

R. Sim, creio!

P. Credes no Espírito Santo, de quem procedem os dons da sabedoria e do entendimento, para compreenderdes o sentido da morte e a ressurreição do Senhor?

R. Sim, creio!

P. Credes na Igreja, chamada a dar testemunho da ressurreição do Senhor, fonte da nossa esperança?

R. Sim, creio!

**Preces**

Podem ser substituídas ou reconstruídas a partir do Guião de Oração para a Semana das Vocações.

P. Irmãos e irmãs: nós temos Jesus Cristo, morto e ressuscitado, como advogado junto do Pai, a interceder continuamente por nós. Confiemos ao Pai, por intermédio do Seu Filho Jesus e pela intercessão de São José, as nossas preces:

1. Pela Santa Igreja: para que, unida e reunida à volta de Cristo ressuscitado, anuncie e testemunhe, com grande desassombro, o poder da Sua Ressurreição. Oremos, irmãos.
2. Pelos que governam: para que saibam sair ao encontro dos feridos da vida, a fim de lhes oferecer justas oportunidades de integral realização humana. Oremos, irmãos.
3. Por todos aqueles cujo corpo humano é abusado, maltratado, descuidado, ferido ou magoado: para que sejam cuidados com amor e respeitados com delicadeza, como o Corpo de Cristo, ferido e humilhado, morto e ressuscitado. Oremos, irmãos.
4. Por todos os cristãos, chamados por Deus ao amor: para que, sob a guarda de São José, realizem a sua vida segundo os sonhos de Deus, no serviço disponível aos demais e na fidelidade de cada dia. Oremos, irmãos.
5. Por todos nós: para que saibamos dar testemunho de Jesus, de um modo jubiloso e corajoso, manso e pacífico, dialogante e misericordioso, levando às pessoas os dons pascais da alegria e da paz. Oremos, irmãos.

P. Senhor, nosso Deus, concedei-nos a graça de oferecermos e colaborarmos com a simplicidade do nosso serviço, na realização daquilo mesmo que Vos pedimos. Por NSJC, que é Deus convosco, na unidade do Espírito Santo.

R. Ámen.

**Liturgia Eucarística**

**Apresentação dos dons | Cântico na apresentação dos dons | Oração sobre as oblatas | Prefácio Pascal III | Santo** (cantado) **| Oração Eucarística II |** Resposta cantada: **«*Mistério da fé para a salvação do mundo*» | Ritos da Comunhão | Fração do Pão – Cântico do “Cordeiro” | Cântico de Comunhão**

**Ritos Finais**

**Avisos**

1. Semana de Oração pelas vocações, sob o tema: São José, o sonho da vocação.
	1. Segunda-feira, às 15h15: Oração pelas vocações, antes da Missa, às 16h00.
	2. Quarta-feira, às 18h15: Oração do Terço com mistérios do Rosário de São José.
	3. Domingo, 25 de abril, Adoração do Santíssimo, das 17h30 às 18h30.
2. Retoma da Catequese presencial – este fim de semana: 5.º e 6.º anos. No próximo fim de semana: catequese da adolescência (do 7.º ao 10.º anos) e crismandos.
3. Horários das Missas:
	1. Segunda-feira: 16h00.
	2. De terça a sexta-feira: 19h00.
	3. Sábado: 16h00 e 19h00.
	4. Domingo: 9h00, 11h00 e 19h00.

**Bênção | Despedida**

**Oração para a bênção da mesa | III Domingo da Páscoa B | 18.4.2021**

Senhor Jesus, único Santo, único Justo:

Tu quiseste repartir o pão com os Teus discípulos

e comer peixe assado diante deles,

para que Te reconhecessem como o Ressuscitado.

Vem até nós, toma parte da nossa refeição,

dá-nos a alegria e a paz da Tua presença.

Faz-nos testemunhas felizes do Teu amor.

Ámen.



**OUTRAS HOMILIAS**

**E TEXTOS**

**III DOMINGO DA PÁSCOA b**

**homilia no iii domingo da páscoa 2018**

**1.** De regresso a casa, os discípulos de Emaús contaram aos Onze o que lhes tinha acontecido pelo caminho! E nós sabemos o que foi: Jesus atravessou-Se no caminho daqueles dois discípulos em fuga, escutou as expressões da sua esperança desiludida e, acompanhando-os ao longo de todo o caminho, «*explicou-lhes, em todas as Escrituras, tudo o que Lhe dizia respeito*» (Lc 24,27). Mas pelos vistos, isto não chegou ainda para O reconhecerem. A verdade é que só O reconheceram quando Jesus Se pôs à mesa com eles, no gesto típico da fração do pão. Mas como se isto também ainda não bastasse, mal chegaram a casa, Jesus manifestou-Se-lhes de novo. Mostrou-lhes *as mãos e os pés*, a Sua carne ferida com as marcas da Sua vida oferecida. Doravante o Ressuscitado encontra-Se na carne dos que sofrem.

**2.** Tenhamos hoje em conta estes três “*lugares*” do encontro com o Ressuscitado:

1.º *Em primeiro lugar,* aprendamos a *venerar e a encontrar Cristo no corpo das Escrituras.* Perante a incredulidade e o medo, os discípulos precisam de aprender a ler e a escutar e a aplicar à vida a Palavra das Escrituras. Para chegarem à fé em Cristo Ressuscitado, não basta vê-l’O e tocá-l’O. É preciso abrir a inteligência à compreensão das Escrituras. Jesus, tal como Pedro (*At* 3,13-19), ajuda-os a entrar na compreensão do seu mistério, a partir do Antigo Testamento: “*Tem de se cumprir tudo o que está escrito a meu respeito na Lei de Moisés, nos Profetas e nos Salmos. Abriu-lhes então o entendimento para compreenderem as Escrituras*” (*Lc* 24,44-45). Os cristãos leem sempre o Antigo Testamento à luz de Cristo morto e ressuscitado, na certeza de que «*o Novo Testamento está oculto no Antigo e o Antigo está patente no Novo*» (Santo Agostinho). Sem o conhecimento das Escrituras não há, pois, verdadeira fé na Páscoa de Cristo. As Escrituras cumprem-se na Páscoa do Senhor e, por isso, o anúncio da Páscoa não pode fazer-se sem recurso às Escrituras: “*Assim está escrito que o Messias havia de sofrer e de ressuscitar dos mortos ao terceiro dia, e que havia de ser pregado em seu nome o arrependimento e o perdão dos pecados a todas as nações*” (*Lc* 24,46-47). A Palavra de Deus revestida de carne humana apareceu apenas uma vez, agora essa mesma Palavra vem até nós nas Escrituras e na voz humana de quem a proclama. Só quem conhece as Escrituras reconhece o Ressuscitado!

2.º Em segundo lugar, *aprendamos a venerar e a encontrar Cristo no seu Corpo eucarístico, no pão partido e repartido. A* presença de Jesus, primeiro com as palavras e depois com a fração do pão, tornou possível aos discípulos reconhecê-l´O. Palavra e Eucaristia correspondem-se tão intimamente que não podem ser compreendidas uma sem a outra: a Palavra de Deus faz-Se carne, sacramentalmente, na Eucaristia. Por isso, à Palavra de Deus e à Eucaristia devemos a mesma veneração.

3.º Por último, *aprendamos a venerar e a encontrar Cristo no seu Corpo ferido.* O Ressuscitado mostra não o rosto, mas as mãos e os pés. *“Tocai-me e olhai”* (*Lc* 24,39), diz Jesus. É outra forma de dizer “*Isto é o meu Corpo, cuidai de Mim”*! A mesa da Palavra e do Pão tornam-se então uma fonte de caridade, que fazem de nós pessoas prontas a tocar e reconhecer Jesus, no rosto dos pobres e dos que mais sofrem.

**3.** *“Somos testemunhas destas coisas* (*Lc* 24,48)*!* Que o nosso encontro com Cristo Ressuscitado, no corpo da Palavra, no corpo eucarístico e na carne sofredora dos irmãos, faça de nós testemunhas credíveis da ressurreição! Que os outros vejam em nós pessoas tão felizes, tão tocadas e tão transformadas pelo amor do Senhor, que a nossa própria vida se torne pregação ao vivo, verdadeiro anúncio pascal.

Peçamos essa graça ao Senhor, rezando, como o salmista nos ensina: “*Fazei brilhar sobre nós, Senhor, a luz do vosso rosto*” (*Sl* 4,7).

***HOMILIA DO SANTO PADRE***

*Domingo, 15 de abril de 2018*

Os discípulos sabiam que Jesus tinha ressuscitado, porque Maria Madalena o dissera de manhã; depois Pedro tinha-o visto; em seguida os discípulos que voltaram de Emaús tinham contado o encontro com Jesus ressuscitado. Sabiam-no: ressuscitou e vive. Mas aquela verdade não tinha entrado no coração. Aquela verdade, sim, sabiam-na, mas duvidavam. Preferiam conservar aquela novidade na mente, talvez. É menos perigoso manter uma novidade na mente do que tê-la no coração. É menos perigoso.

Estavam todos reunidos e o Senhor apareceu. E inicialmente eles assustaram-se e pensaram que se tratava de um fantasma. Mas Jesus diz-lhes: «Não, vede, tocai-me. Vede as chagas. Um fantasma não tem corpo. Vede, sou Eu!». Mas por que não acreditavam? Por que duvidavam? Há uma palavra no Evangelho que nos dá a explicação: «*Porque devido à alegria ainda não acreditavam e ficaram estupefactos...*». Devido à *alegria* não conseguiam acreditar. Era tanta aquela alegria! Se isto é verdade, é uma alegria imensa! «Ah, eu não acredito. Não consigo». Não podiam acreditar que houvesse tanta alegria; a alegria que leva a Cristo.

Acontece também a nós quando nos dão uma boa notícia. Antes de a receber no coração dizemos: «É verdade? Mas como sabes isso? Onde o ouviste?». Fazemo-lo para ter a certeza, porque, se isto é verdade, é uma alegria imensa. Isto acontece a nós com coisas pouco significativas, imaginai os discípulos! Era tanta a alegria que era melhor dizer: «Não, não acredito». Mas estava ali! Sim, mas não podiam, não podiam aceitar; não podiam deixar passar para o coração aquela verdade que viam. E no fim, obviamente, acreditaram. É esta a “juventude renovada” que o Senhor nos dá. Na oração da Coleta falámos disto: a “renovada juventude da alma”. Nós estamos habituados a envelhecer com o pecado... O pecado envelhece o coração, sempre. Torna o teu coração duro, velho, cansado. O pecado cansa o coração e perdemos um pouco a fé em Cristo Ressuscitado: «Não, não penso... Isto causaria tanta alegria... Sim, sim, está vivo, mas está no céu para os seus assuntos...». Mas os seus assuntos sou eu! Cada um de nós! Mas não somos capazes de fazer esta ligação.

O apóstolo João, na segunda Leitura, diz: «Se alguém pecou temos um advogado junto do Pai». Não tenhais medo, Ele perdoa. Ele renova. O pecado envelhece-nos, mas Jesus, ressuscitado, vivo, renova-nos. É esta a força de Jesus ressuscitado. Quando recebemos o sacramento da Penitência é para sermos renovados, para rejuvenescermos. E Jesus ressuscitado faz isto. É Jesus ressuscitado que hoje está no meio de nós: estará aqui no altar; está na Palavra... E no altar estará assim: ressuscitado! É Cristo que nos quer defender, o Advogado, quando nós pecámos, para nos rejuvenescer.

Irmãos e irmãs, peçamos a graça de acreditar que Cristo está vivo, ressuscitou! Esta é a nossa fé, e se acreditarmos nisto, as outras coisas são secundárias. Esta é a nossa vida, esta é a nossa verdadeira juventude. A vitória de Cristo sobre a morte, a vitória de Cristo sobre o pecado. Cristo está vivo. «Sim, sim, agora recebo a Comunhão...». Mas quando recebes a Comunhão, tens a certeza de que Cristo está vivo ali, que ressuscitou? «Sim, é um pouco de pão abençoado...». Não, é Jesus! Cristo está vivo, ressuscitou e permanece entre nós e se não crermos nisto, nunca seremos bons cristãos, não o podemos ser.

«Mas por que devido à alegria ainda não acreditavam e estavam cheios de admiração». Peçamos ao Senhor a graça de que a alegria não nos impeça de acreditar, a graça de tocar Jesus ressuscitado: tocá-lo no encontro mediante a oração; no encontro através dos sacramentos; no encontro com o seu perdão que é a juventude renovada da Igreja; no encontro com os doentes, quando os vamos visitar; com os presos, os mais necessitados, as crianças, os idosos. Se sentirmos vontade de fazer algo de bom, é Jesus ressuscitado que nos impele a isso. É sempre a alegria, a alegria que nos faz jovens. Peçamos a graça de sermos uma comunidade jubilosa, porque cada um de nós tem a certeza, tem fé, encontrou Cristo ressuscitado.

***regina coeli* 15.04.2018 – o corpo**

No centro deste terceiro Domingo de Páscoa está a experiência do Ressuscitado, feita pelos seus discípulos, todos juntos. Isto é evidenciado especialmente pelo Evangelho, que nos introduz mais uma vez no Cenáculo, onde Jesus se manifesta aos Apóstolos, dirigindo-lhes esta saudação: «A paz esteja convosco!» (*Lc* 24, 36). É a saudação de Cristo Ressuscitado, que nos dá a paz: «A paz esteja convosco!». Trata-se tanto da paz interior, como da paz que se estabelece nos relacionamentos entre as pessoas. O episódio narrado pelo evangelista Lucas insiste muito sobre o realismo da Ressurreição. Jesus não é um fantasma. Com efeito, não se trata de uma aparição da alma de Jesus, mas da sua presença real, com o Corpo ressuscitado.

Jesus apercebe-se que os Apóstolos se sentem perturbados ao vê-lo, que estão desconcertados, porque para eles a realidade da Ressurreição é inconcebível. Julgam ver um fantasma; mas Jesus Ressuscitado não é um fantasma, é um homem de corpo e alma. Por isso, para os convencer, diz-lhes: «Vede as minhas mãos e os meus pés — mostra-lhes as chagas! — sou Eu mesmo! Tocai e vede: um espírito não tem carne nem ossos, como vedes que Eu tenho» (v. 39). E dado que isto não parece ser suficiente para vencer a incredulidade dos discípulos, o Evangelho diz também algo interessante: a alegria que tinham dentro de si era tão grande que não podiam acreditar: “Não, não pode ser! Não pode ser assim! Não é possível tanta alegria!”. E para os convencer, Jesus disse-lhes: «Tendes aqui algo para comer?» (v. 41). Eles oferecem-lhe um pouco de peixe assado; Jesus toma-o e come-o diante deles, para os convencer.

A insistência de Jesus sobre a realidade da sua Ressurreição ilumina a perspetiva cristã sobre o corpo: o corpo não é um obstáculo, nem uma prisão da alma. O corpo é criado por Deus, e o homem só é completo em união de corpo e alma. Jesus, que venceu a morte e ressuscitou em corpo e alma, faz-nos entender que devemos ter uma ideia positiva do nosso corpo. Ele pode tornar-se ocasião ou instrumento de pecado; contudo, o pecado não é provocado pelo corpo, mas pela nossa debilidade moral. O corpo é um dom maravilhoso de Deus, destinado, em união com a alma, a manifestar plenamente a imagem e a semelhança d’Ele. Portanto, somos chamados a ter grande respeito e cuidado do nosso corpo e do corpo dos outros.

Cada ofensa ou ferida ou violência contra o corpo do nosso próximo é um ultraje a Deus Criador! Dirijo o meu pensamento, em particular, às crianças, às mulheres e aos idosos maltratados no corpo. Na carne destas pessoas encontramos o Corpo de Cristo. Cristo ferido, desprezado, caluniado, humilhado, flagelado, crucificado... Jesus ensinou-nos o amor. Um amor que, na sua Ressurreição, se demonstrou mais forte do que o pecado e a morte, e quer resgatar todos aqueles que experimentam no próprio corpo as escravidões do nosso tempo.

Num mundo onde demasiadas vezes prevalecem a prepotência contra os mais frágeis e o materialismo que sufoca o espírito, o Evangelho de hoje chama-nos a ser pessoas capazes de olhar em profundidade, cheias de admiração e de grande alegria por termos encontrado o Senhor ressuscitado. Chama-nos a ser pessoas que sabem acolher e valorizar a novidade de vida que Ele semeia na história, para a orientar rumo aos novos céus e à nova terra.

Que nos ampare neste caminho a Virgem Maria, a cuja intercessão maternal nos entregamos com confiança.

**Homilia no iii domingo de páscoa b 2015**

**1.** Mais uma aparição do Ressuscitado aos discípulos, depois do encontro no caminho de Emaús! E eles, mesmo vendo as mãos e os pés de Jesus, não queriam ainda acreditar! Por aí se vê que a Ressurreição de Jesus não é um produto da imaginação dos discípulos, pois nem sequer contavam com ela. Mas a presença, misteriosa e real, de Jesus deixa-os perturbados, a tal ponto que Jesus tem de condescender e manifestar-Se «em carne e osso», comendo com eles, para que possam compreender: É mesmo Jesus. E é o mesmo Jesus! Mas, como se deduz do relato, desta e de outras aparições, a chave de compreensão do grande acontecimento da ressurreição do Senhor é-lhes dada sobretudo pela leitura e entendimento das Escrituras e pelo gesto típico da fração do pão. Os vários encontros de Cristo Ressuscitado com os discípulos servem então para os confirmar na fé, e para fazer deles testemunhas da ressurreição.

**2.** Também, para nós, este encontro tão belo de Jesus connosco, à volta da mesa, não acaba aqui. A compreensão e a experiência deste inaudito acontecimento torna-se uma alegre notícia, que enche de alegria o coração de todos nós! E, por isso, não pode ficar guardada, dentro de portas. É preciso fazer como Pedro, “*pregar em nome de Jesus*”, ser “*testemunha de tudo isto*”, ser testemunha de tudo, quanto se sabe e se vive, a partir do encontro com o Ressuscitado.Agora é preciso levar a notícia e a carícia da presença real de Jesus Ressuscitado aos outros. Recebemo-l’O, para O dar aos outros, para O levar “*às pessoas com quem nos encontramos, tanto às mais íntimas como às desconhecidas. É a pregação informal, que se pode realizar durante uma conversa. Ser discípulo de Jesus significa ter a disposição permanente de levar aos outros o amor de Jesus*” (cf. E.G. 127).

**3.** Por isso, esta semana o desafio é este: «**LEVAI**». Ser-vos-á entregue mais uma chave, com este desafio: «**LEVAI**». Levar Jesus aos outros é, por exemplo, ser capaz de ter uma conversa com alguém, que precise da luz da fé e do amor de Jesus, para compreender o sentido da sua vida. E isso podemo-lo fazer “em *qualquer lugar: na rua, na praça, no trabalho, num caminho*” (E.G. 127). Sugerimos que escrevam, com a vossa própria mão, no verso desta chave uma pequenina oração a entregar aos outros “*Vinde, Espírito Santo, enchei o nosso coração, com a luz do entendimento*”.

**4.** Irmãos: não esqueçamos o propósito desta semana: levar Cristo aos outros e os outros a Cristo! Não se trata aqui de levar um produto, de fazer propaganda religiosa, mas de sermos portadores da alegria da Páscoa, ministros do evangelho, cuja vida irradie fervor. Somente “*podemos levar o Evangelho aos outros, se ele permear [isto é, se Cristo Ressuscitado entrar, penetrar e transformar] profundamente a nossa vida”* (Papa Francisco, TWITTER @PONTIFEX\_PT, 10.4.2015). Não valerá a pena querer anunciar a ressurreição, com cara de funeral, como “*evangelizadores tristes, impacientes e ansiosos*” (EG 10) a um mundo que, na sua angústia, precisa de alegria e esperança; não valerá a pena querer levar Cristo aos outros, se este acontecimento pascal não nos tocou ainda por dentro, se não nos transformou, a tal ponto que “*esse bem à cara nos vem*”. Só uma vida transformada, alegre, renovada, pode fazer de nós testemunhas credíveis da ressurreição. Levai então Cristo, gravado no mais íntimo do coração, estampado na alegria do vosso rosto, oferecido na palma das vossas mãos dadas aos outros. E vivei, hoje e sempre, “a doce e reconfortante alegria de evangelizar” (EG 9).

***Regina Caeli* 19.04.2015 | Testemunhas**

Nas Leituras bíblicas da liturgia de hoje ressoa duas vezes a palavra «testemunhas». A primeira vez é dita por Pedro: ele, depois da cura do paralítico junto da porta do templo de Jerusalém, exclama: «Matastes o autor da vida, mas Deus ressuscitou-o dos mortos: e nós somos testemunhas disso» (*Act* 3, 15). A segunda vez é Jesus ressuscitado que a pronuncia: Ele, na noite de Páscoa, abre a mente dos discípulos ao mistério da sua morte e ressurreição e diz-lhes: «Disto vós sois testemunhas» (*Lc* 24, 48). Os Apóstolos, que viram com os seus olhos Cristo ressuscitado, não podiam deixar de contar a sua extraordinária experiência. Ele tinha-se-lhes mostrado para que a verdade da sua ressurreição chegasse a todos mediante o seu testemunho. E a Igreja tem a tarefa de prolongar no tempo esta missão; cada batizado está chamado a testemunhar, com as palavras e com a vida, que Jesus ressuscitou, que Jesus está vivo e presente no meio de nós. Todos estamos chamados a dar testemunho de que Jesus está vivo.

Podemos perguntar-nos: mas quem é a testemunha? A testemunha é quem viu, recorda e conta. ***Ver*, *recordar* e *contar*** são os três verbos que descrevem a sua identidade e missão. A testemunha é quem viu, com um olhar objetivo, viu uma realidade, mas não com um olhar indiferente; viu e deixou-se envolver num acontecimento. Por isso *recorda*, não só porque sabe reconstruir de modo claro os factos que se verificaram, mas também porque aqueles factos lhe falaram e ele captou o seu sentido profundo. Então a testemunha *conta*, não de modo insensível e distante, mas como alguém que se deixou pôr em questão, e a partir daquele dia mudou de vida. A testemunha é uma pessoa que mudou de vida.

O conteúdo do testemunho cristão não é uma teoria, não é uma ideologia, um sistema complexo de preceitos e proibições nem um moralismo, mas é uma mensagem de salvação, um evento concreto, aliás, uma Pessoa: é Cristo ressuscitado, vivo e único Salvador de todos. Ele pode ser testemunhado por quantos fizeram a experiência pessoal d’Ele, na oração e na Igreja, através de um caminho que tem o seu fundamento no Batismo, o seu alimento na Eucaristia, o seu selo na Confirmação, a sua conversão contínua na Penitência.

Graças a este caminho, guiado sempre pela Palavra de Deus, cada cristão pode tornar-se testemunha de Jesus ressuscitado. E o seu testemunho é tanto mais credível quanto mais transparecer de um modo de viver evangélico, jubiloso, corajoso, manso, pacífico, misericordioso. Se ao contrário o cristão se deixar cativar pela comodidade, pela vaidade, pelo egoísmo, se se tornar surdo e cego ao pedido de «ressurreição» de tantos irmãos, como poderá comunicar Jesus vivo, como poderá comunicar o poder libertador de Jesus vivo e a sua ternura infinita?

Maria nossa Mãe nos ampare com a sua intercessão, para que possamos tornar-nos, com os nossos limites, mas com a graça da fé, testemunhas do Senhor ressuscitado, levando às pessoas que encontramos os dons pascais da alegria e da paz.

**Homilia no III Domingo de Páscoa B 2012**

**Início da semana de oração pelas vocações**

*“Vede as minhas mãos e os meus pés! Sou Eu mesmo”! (Lc 24,39)*

**1.** Por aí começa o contacto vivo e real dos apóstolos, com a pessoa viva de Jesus Cristo, morto e ressuscitado! É preciso olhar e tocar s as suas mãos e os seus pés, como senha e sinal da sua autenticidade! Na verdade, a vida, seja ela de quem for, pode descrever-se e avaliar-se sobretudo pelo rumo dos seus passos e pelos gestos e atividades das suas mãos! Também é assim, com as mãos e os pés de Jesus: Ele percorreu o caminho para o Pai, fazendo o bem! As suas mãos abençoaram, acariciaram, perdoaram, multiplicaram o bem e a bondade sobre a Terra e estenderam-se, finalmente na cruz, abraçando-nos e salvando-nos por amor, *como sinal indelével da aliança de Deus connosco.*

**2.** Por isso, contemplar as mãos e os pés de Jesus é entrar na sua alma, é tocar a sua identidade e missão; ver e tocar-lhes as mãos ou os pés implica perceber que é hoje através de nós, seus discípulos, através das nossas mãos e dos nossos pés, que Jesus quer permanecer no nosso meio e atuar no nosso mundo! Na verdade: “*Cristo não tem mãos; tem só as nossas mãos para fazer o Seu trabalho hoje. Cristo não tem lábios; só tem os nossos lábios para falar aos homens de hoje. Cristo não tem pés; tem só os nossos pés, para guiar os homens nos seus caminhos. Cristo não tem meios; tem só a nossa ajuda para conduzir os homens para Si!*”

**3.** Estamos, hoje, a iniciar uma Semana de Oração pelas Vocações, para nos lembrar a todos, que Cristo, hoje, continua vivo e presente, no meio de nós, por meio de nós todos, e por meio de cada um dos seus batizados. Cada um de nós torna presente os seus passos, os seus gestos, as suas palavras, a sua oração, a sua entrega por amor. Jesus quer fazer de nós e de cada um testemunhas do seu amor, daquele amor, com que Ele faz e refaz todas as coisas!

**4.** Então, a todos e a cada um, Jesus chama por amor. A todos e a cada um Jesus chama com amor. A todos e a cada um Jesus chama ao amor! Cada vocação é, por isso mesmo, uma dádiva e um fruto daquele amor, com que Deus nos ama primeiro em Cristo. É porque Deus nos ama, que Jesus nos chama!

Nós temos esta certeza, diz o Papa Bento XVI: “*cada um de nós é fruto de um pensamento e de um ato de amor de Deus: um amor imenso, fiel e eterno (cf. Jer 31, 3). Esta é a descoberta que muda a nossa vida. E faz da nossa vida, uma vida para Deus e para os outros. Este amor é a mola secreta, a causa que não falha, mesmo nas circunstâncias mais difíceis. No terreno de um coração dado e aberto ao amor de Deus, é que nascem e crescem todas as vocações*”! E o Papa explica ainda melhor: «*No terreno do nosso coração, Deus plantou primeiro a raiz do amor a Ele e depois, como ramagem, desenvolveu-se o amor ao próximo*» (São Gregório Magno, *Moralia in Job,* VII, 24, 28: *PL* 75, 780D).

**5.** Queridos irmãos e irmãs:

Esta “plantinha” da vocação precisa do abrigo e proteção de uma família cristã, que seja casa de comunhão, comunidade de vida e amor, e deste modo se torne o primeiro e o melhor seminário da vocação! Esta frágil plantinha da vocação precisa também de beber, de enraizar e de se fortalecer, nas fontes da oração, da Palavra e da fração do Pão (= Eucaristia). Só bebendo nestas fontes, nos é possível viver o amor a Deus e ao próximo! Só assim é possível viver a nossa vocação ao amor, no amor, por amor, para o amor! E «*onde não há amor, cada um semeie amor e recolherá amor*» (São João da Cruz (*Epistolário*, 26).

**Homilia no III Domingo Comum B 2009**

**Início da Semana das Vocações**

***“Porque estais perturbados e porque surgem tais dúvidas nos vossos corações”?***

(Lc 24,38)

**1.** Espanto e medo, reservas e suspeitas, dúvidas e desconfianças, perturbam ainda o coração e a fé dos discípulos! Não é, à primeira aparição, nem à segunda, que dão por certa a presença real do Senhor Ressuscitado. Apesar das marcas da crucifixão, nas mãos e nos pés, assalta-lhes, ao espírito, a dúvida e a desconfiança. Os discípulos, traumatizados, temem ainda por uma ilusão de momento e desconfiam dos seus próprios sentidos! E, por isso, “*ainda não queriam acreditar*” (Lc.24,41)! Conversa à mesa com Jesus, partilha de vidas, e lentamente, na luz da Palavra, os discípulos irão reconhecer a presença de Cristo, encontrar ânimo e confiança, até se tornarem testemunhas da sua ressurreição. Entre esta desconfiança inicial e o testemunho final, vai aquele passo decisivo da fé, aquele salto de confiança, que torna grande e livre a pessoa. Acreditar é ousar, arriscar, fiar, confiar-se, abandonar-se a Alguém! O acto de confiar-se é profundamente humano e essencial à fé. Pela fé, vencemos dúvidas e dificuldades, e pomos a nossa confiança em Deus, respondendo, de modo pessoal e livre, ao seu chamamento, arriscado o seu desafio: “*Vós sois as testemunhas de todas estas coisas*” (Lc.24,48)!

**2**. Esta vitória sobre o medo e a desconfiança é um bom estímulo contra a crise de confiança, que destrói a capacidade de risco e de decisão na vida! A confiança, é hoje como um valor em vias de extinção. E a falta de confiança determina a própria crise: a crise dos mercados financeiros, a dos governos políticos, a dos jovens, no confronto com os adultos, e a dos adultos no confronto com os jovens! Quando falta a confiança, sobra o calculismo frio, a recusa em fazer qualquer coisa que pareça acima das próprias capacidades, uma exagerada timidez, perante a vida! Por falta de confiança, a pessoa acaba por ficar prisioneira dos seus próprios limites, tem medo do outro, ou medo de fazer má figura. Acabará, por falsa prudência, por nunca arriscar e deixará de sonhar em grande.

**3**. Este fenómeno da desconfiança atinge sobretudo os mais jovens. Os mais jovens sentem angústia, diante de um mundo muito complicado e atroz, tremem, sofrem “ataques de pânico” só de pensar no futuro. Perante o risco de se comprometer para uma vida inteira, quer no matrimónio, quer numa vida de especial consagração, tal como os discípulos, “ficam perturbados e levantam-se pensamentos e dúvidas em seus corações” (Lc.24,38), dizendo intimamente para si mesmos: «*O mundo vive em contínuo movimento e a vida está cheia de possibilidades. Poderei eu dispor agora da minha vida inteira, ignorando os imprevistos que ela me reserva? Não será que eu, com uma decisão definitiva, ponho em jogo a minha liberdade e me deixo prender com as próprias mãos*?» Tais são as dúvidas que os assaltam. «*Mas quando o jovem não se decide, corre o risco de ficar uma eterna criança*», (Bento XVI, Encontro com os jovens, Luanda, *21.03.2009)*!

**4.** Sejamos claros: haverá sempre, em cada decisão importante para a vida, uma zona escura, em que escasseiam as evidências e os apoios, e onde não nos bastam os cálculos e as previsões. Não é possível prever os acontecimentos futuros. Haverá sempre um resíduo de insegurança, que só pode ser superado, ousando e arriscando! Mas é precisamente aí que a escolha se prende com o mistério. Na raiz da decisão, não existe uma evidência matemática, mas um acto livre, que se baseia apenas sobre uma certeza moral. Impõe-se, por isso, a confiança. A confiança é como dar crédito ao outro (no qual confio), é confiar-me, isto é, entregar-me a outras mãos, confiar-me a outro, abandonar-me a outro.

**5**. E aqui emerge o mistério e a grandeza do ser humano e da sua dignidade: que alguém possa entregar o seu próprio futuro, que não conhece, nas mãos de um outro! É mesmo um «grande mistério», que alguém possa dizer, ao marido ou à esposa ou à Igreja: *“Prometo ser-te fiel… em todos os dias da nossa vida*”. Tal mistério só se pode explicar com a intensidade do amor. Só amor é digno de fé. E só o que é intenso, é que tem o desejo de se estender e pode abraçar a vida toda, inteira e para sempre. De facto, quem poderá tomar uma decisão de eterna fidelidade matrimonial ou “*abraçar a vida consagrada contando apenas com os seus recursos humanos*”? Só tocado por este mistério de amor, do amor de Deus em nós e por nós, alguém pode arriscar a sua vida e consagrá-la pelo Reino de Deus, como São Paulo, que nos diz: ”Sei em quem pus a minha confiança” (I Tim 1,12).

**6.** Neste início da Semana de oração pelas vocações, e frente a uma **cultura da indecisão**, desafio sobretudo os mais jovens e os casais:

“Coragem! Ousai decisões definitivas, porque na verdade são as únicas que não destroem a liberdade, mas lhe criam a justa direcção, possibilitando seguir em frente e alcançar algo de grande na vida. Sem dúvida, a vida só pode valer se tiverdes a coragem da aventura, a confiança de que o Senhor nunca vos deixará sozinhos. Jovens, libertai dentro de vós o Espírito Santo, a força do Alto! Confiados nela, como Jesus, arriscai este salto no definitivo e com isso dai uma possibilidade à vida! Tal é a vida que vale a pena ser vivida e que de coração vos desejo a todos vós” (Bento XVI, Idem*).*

**Homilia bento xvi 2009 – excertos**

Na página evangélica, São Lucas narra uma das aparições de Jesus ressuscitado (24, 35-48). Precisamente no início do trecho, o evangelista escreve que os dois discípulos de Emaús, regressando à pressa a Jerusalém, contaram aos Onze como o tinham reconhecido "ao partir do pão" (v. 35). E enquanto eles estavam a narrar a extraordinária experiência do seu encontro com o Senhor, Ele "esteve pessoalmente no meio deles" (v. 36). Por causa desta sua improvisa aparição os Apóstolos permaneceram amedrontados e assustados, a ponto que Jesus, para os tranquilizar e vencer qualquer hesitação e dúvida, disse-lhes que lhe tocassem não era um fantasma, – mas um homem de carne e osso – e em seguida pediu de comer. Mais uma vez, como tinha acontecido com os dois de Emaús, é enquanto está à mesa e come com os seus, que Cristo ressuscitado se manifesta aos discípulos, ajudando-os a compreender as Escrituras e a reler os acontecimentos da salvação à luz da Páscoa. "É preciso que se cumpram – diz ele – todas as coisas escritas sobre mim na Lei de Moisés, nos Profetas e nos Salmos" (v. 44). E convida-os a olhar para o futuro: "em seu nome serão pregados a todos os povos a conversão e o perdão dos pecados" (v. 47).

Cada comunidade revive esta mesma experiência na celebração eucarística, sobretudo na dominical. A Eucaristia, o lugar privilegiado no qual a Igreja reconhece "o autor da vida" (cf. *At* 3, 15), é "a fração do pão", como é chamada nos Atos dos Apóstolos. Nela, mediante a fé, entramos em comunhão com Cristo, que é "altar, vítima e sacerdote" (cf. Prefácio pascal, 5) e está no meio de nós.

Reunimo-nos em volta d'Ele para fazer memória das suas palavras e dos acontecimentos contidos na Escritura; revivemos a sua paixão, morte e ressurreição. Celebrando a Eucaristia comunicamos com Cristo, vítima de expiação, e d'Ele obtemos perdão e vida. O que seria a nossa vida de cristãos sem a Eucaristia? A Eucaristia é a herança perpétua e viva que o Senhor nos deixou no Sacramento do seu Corpo e do seu Sangue,

**HOMILIA NO III DOMINGO DE PÁSCOA B 2006** *(mais breve)*

“*Aquele que diz conhecer Deus e não guarda os seus mandamentos*

*é mentiroso*”(I Jo 2,4)**!**

**I.** É uma das mais insistentes afirmações da primeira Carta de São João! Ao que parece, o Apóstolo, já no final da sua vida, viu-se na necessidade de esclarecer um grupo de cristãos, que teria lido à pressa o quarto evangelho. E então, com sábia clareza, vemo-lo, nesta Carta, esforçar-se, por devolver, à palavra “amor” o seu esplendor original! Ontem, como hoje, esta era uma das palavras mais usadas e abusadas.

**E a primeira ideia**, que fica clara é esta: o amor não é apenas conhecimento, ou sentimento; é também **um mandamento.** Há, por assim dizer, um dever de amar: «*Aquele que diz que está em Deus, deve andar como Ele andou*» (Jo 2,6); «*Jesus deu a vida por nós, e nós devemos dar a nossa Vida, pelos nossos irmãos*» (I Jo 3,16); «*Caríssimo, se Deus nos amou assim, também nos devemos amar uns aos outros*» (I Jo 4,11). O cristão, porque foi primeiro amado por Deus, sente-se, em resposta, devedor de tão grande amor. Por efeito deste amor divino, tornamo-nos capazes de compreender, de sentir e de cumprir, de bom grado e sem estranhar, os seus mandamentos. “*Aquele que diz conhecer Deus e não guarda os seus mandamentos é mentiroso*”(I Jo 2,4)**!**

**II.** Tomemos, estes esclarecimentos sobre o amor a Deus e relacionemo-los, como São João o fez, com o amor humano. E que poderíamos concluir?

**1. Em primeiro lugar -** diz o PapaBento XI,na sua encíclica sobre o amor divino - **“o amor não é apenas um sentimento.** Os sentimentos vão e vêm. O sentimento pode ser uma maravilhosa centelha inicial, mas não é a totalidade do amor. É próprio do amor, amadurecer, até tocar, abranger e transformar a pessoa na sua totalidade» (cf. DCE 17). O amor une o pensamento, o sentimento e a vontade.

2. Em **segundo lugar**, o amor nunca está concluído e completado. Por isso, ele implica o esforço da vontade, até chegar ao ponto de “***querer o mesmo, e de rejeitar a mesma coisa***”! Este é, segundo os antigos, o autêntico conteúdo do amor: um tornar-se semelhante ao outro, que leva à **união do mesmo querer e do mesmo pensar»** (cf. DCE 17).

3. Em terceiro lugar**, o amor é também um mandamento**. **Há, por assim dizer, um dever de amar**. Eis uma afirmação dura de roer, numa cultura, que exalta o amor, como um impulso espontâneo, momentâneo quando não instantâneo?! «*Porque é que a pessoa tem de se "vincular", ao amor, se ele é totalmente impulso e espontaneidade*», perguntam-nos?!

Responderíamos assim: Por um lado, «*a evolução do amor, para níveis mais altos, faz com que ele procure o definitivo: para sempre e em exclusivo*» (DCE 6). Por outro lado, a pessoa quanto mais ama intensamente, tanto mais compreende, com angústia, o perigo que o seu amor corre! Perigo que não vem de outrem, mas de si mesma. De facto, ela bem sabe que é volúvel e que amanhã, poderá cansar-se e deixar de amar ou mudar o objeto do seu amor. E se agora que está na luz do amor, vê com clareza, qual perda irreparável isto comportaria, então que fazer? Há que prevenir-se de qualquer alteração do pensamento, do sentimento, "*obrigando-se*", a amar. Daí a importância, de se vincular, a um dever, que dê confiança e estabilidade.

O dever de amar protege, de certo modo, o amor de qualquer alteração; protege-o do desespero de não poder amar para sempre. «*Dai-me um verdadeiro apaixonado, e ele vos dirá se, no amor, há oposição entre prazer e dever; se o pensamento de "dever" amar durante toda a vida causa naquele que ama receio e angústia, ou se, pelo contrário, lhe dá alegria e felicidade extrema*»?!

**III.** Estas considerações não serão suficientes, para modificar a cultura atual que exalta a liberdade de mudar e a espontaneidade do momento, a prática do "*usar e deitar fora*", aplicada também ao amor. Mas, pelo menos, que estas considerações sirvam, para confirmar na bondade e na beleza da própria opção, aqueles, de entre vós, que se querem (ou quiseram) vincular e *dever, no amor, um ao outro*, pelo sacramento do Matrimónio. Possam estas palavras e o testemunho da vossa fidelidade, estimular muitos jovens a fazerem a mesma escolha. Para todos nós, chamados ao amor, permanece este apelo fundamental: «*Não devamos a ninguém coisa alguma, a não ser o amor de uns pelos outros*» (Rom 13,8).

**HOMILIA NO III DOMINGO DE PÁSCOA B 2006** (mais longa)

“*Aquele que diz conhecer Deus*

*e não guarda os seus mandamentos é mentiroso*”(I Jo 2,4)**!**

I. É uma das mais insistentes afirmações da primeira Carta de São João! Ao que parece, o Apóstolo, já no final da sua vida, viu-se na necessidade de esclarecer um grupo de cristãos, que teria lido à pressa o quarto evangelho. E então, com sábia clareza, vemo-lo, nesta Carta, esforçar-se, por devolver, à palavra “amor” o seu esplendor original! Ontem, como hoje, esta era uma das palavras mais usadas e abusadas.

**E a primeira ideia**, que fica clara é esta: ***conhecer e amar***, são expressões indissociáveis, quando está em jogo a nossa relação de amor com Deus. Alguns discípulos, mais orgulhosos da filosofia grega, viam na *ciência e no conhecimento*, um caminho superior de acesso a Deus, reservado obviamente a alguns iluminados. Como se fosse preciso abstrair-se ou subtrair-se deste mundo, para chegar ao conhecimento pleno de Deus! São João vem recordar que a via por excelência do conhecimento de Deus é o Amor. «*Todo aquele que ama nasceu de Deus e conhece-O. Aquele que não ama, não conhece a Deus, porque Deus é Amor*” (I Jo 4,7-8). Assim, o Amor a Deus não se reduz a um conhecimento, a um êxtase do pensamento. Pelo contrário, só quem ama, pode conhecer verdadeiramente!

Uma **segunda ideia**, é que este amor a Deus, não é apenas uma questão de «*sentimento*»! «*Meus filhinhos, não amemos com as palavras e com a língua, mas por obras e em verdade*” (I Jo 3,18). O amor é também um acto de vontade!

 **Em terceiro lugar**, o amor não é apenas conhecimento, ou sentimento; é também **um mandamento.** Há, por assim dizer, um dever de amar: «*Aquele que diz que está em Deus, deve andar como Ele andou*» (Jo 2,6); «*Jesus deu a vida por nós, e nós devemos dar a nossa Vida, pelos nossos irmãos*» (I Jo.3,16); «*Caríssimo, se Deus nos amou assim, também nos devemos amar uns aos outros*» (I Jo 4,11). O cristão, porque foi primeiro amado por Deus, sente-se, em resposta, devedor de tão grande amor. Por efeito deste amor divino, tornamo-nos capazes de compreender, de sentir e de cumprir, de bom grado e sem estranhar, os seus mandamentos. “*Aquele que diz conhecer Deus e não guarda os seus mandamentos é mentiroso*”(I Jo 2,4)**!**

**II.** Tomemos, estes esclarecimentos sobre o amor a Deus e relacionemo-los, como São João o fez, com o amor humano. E que poderíamos concluir?

**1. Em primeiro lugar -** diz o PapaBento XI,na sua encíclica sobre o amor divino - **“o amor não é apenas um sentimento.** Os sentimentos vão e vêm. O sentimento pode ser uma maravilhosa centelha inicial, mas não é a totalidade do amor. É próprio do amor, amadurecer, até tocar, abranger e transformar a pessoa na sua totalidade» (cf. DCE 17). O amor une o pensamento, o sentimento e a vontade.

2. Por isso, e em **segundo lugar**, o amor, «apela também à nossa vontade e ao nosso intelecto. Exige um caminho de conhecimento. E, porque o amor nunca está concluído e completado, ele implica o esforço da vontade, até chegar ao ponto de “querer o mesmo, e de rejeitar a mesma coisa”! Este é, segundo os antigos, o autêntico conteúdo do amor: um tornar-se semelhante ao outro, que leva à **união do mesmo querer e do mesmo pensar»** (cf. DCE 17).

3. Em terceiro lugar**, o amor é também um mandamento**. **Há, por assim dizer, um dever de amar**. Afirmação dura de roer, numa cultura, que exalta o amor, como um impulso espontâneo, momentâneo quando não instantâneo?! «*Porque é que a pessoa tem de se "vincular", ao amor, se ele é totalmente impulso e espontaneidade*», perguntam-nos?!

Responderíamos assim: Por um lado, «*a evolução do amor, para níveis mais altos, faz com que ele procure o definitivo: para sempre e em exclusivo*» (DCE 6). Por outro lado, a pessoa quanto mais ama intensamente, tanto mais compreende, com angústia, o perigo que o seu amor corre! Perigo que não vem de outrem, mas de si mesma. De facto, ela bem sabe que é volúvel e que amanhã, poderá cansar-se e deixar de amar ou mudar o objecto do seu amor. E se agora que está na luz do amor, vê com clareza, qual perda irreparável isto comportaria, então que fazer? Há que prevenir-se de qualquer alteração do pensamento, do sentimento, "*obrigando-se*", a amar. Daí a importância, de se vincular, a um dever, que dê confiança e estabilidade.

O dever de amar protege, de certo modo, o amor de qualquer alteração, protege-o do desespero de não poder amar para sempre. «*Dai-me um verdadeiro apaixonado, e ele vos dirá se, no amor, há oposição entre prazer e dever; se o pensamento de "dever" amar durante toda a vida causa naquele que ama receio e angústia, ou se, pelo contrário, lhe dá alegria e felicidade extrema*»?!

**III.** Estas considerações não serão suficientes, para modificar a cultura actual que exalta a liberdade de mudar e a espontaneidade do momento, a prática do "*usar e deitar fora*", aplicada também ao amor. Mas, pelo menos, que estas considerações sirvam, para confirmar na bondade e na beleza da própria opção, aqueles, de entre vós, que se querem (ou quiseram) vincular e *dever, no amor, um ao outro*, pelo sacramento do Matrimónio. Possam estas palavras e o testemunho da vossa fidelidade, estimular muitos jovens a fazerem a mesma escolha.

Para todos nós, chamados ao amor, permanece este apelo fundamental: «*Não devamos a ninguém coisa alguma, a não ser o amor de uns pelos outros*» (Rom 13,8).

**Adaptado da Homilia da tarde do Domingo de Páscoa**

*(Evangelho da tarde – Lc 24,13-35)*

**1.** Dois dos discípulos de Emaús, caminham juntos, mas divididos, pela enorme violência e confusão das suas emoções. Lado a lado, eles vão desencontrados, na procura de razões e de justificações, para a última derrota sofrida com desonra e vergonha. Eles conversam e discutem, procurando, para a morte de Jesus, culpas e culpados! A sua desilusão é imensa. Dão voltas e voltas... numa revolta amarga. Dão por perdido todo o tempo passado com Aquele Amigo único, «*que passou fazendo o bem*» e por quem, um dia, deixaram tudo e todos!

**2.** E o futuro, para eles, não tem cor, porque “*já lá vão três dias”* e nem a promessa de ressurreição se cumpriu! O presente é agora, feito de dor, de angústia, de uma saudade terrível, que lhes deixa o coração desfeito e vazio. Caminham ambos, desertando do grupo, desistindo de um projecto, numa espécie de *fuga para a frente*, para fora de Jerusalém, em direcção a uma qualquer parte do mundo, chamada Emaús.

**3.** Eis que o próprio Jesus se aproxima e se põe a caminho com eles! Eles são alcançados por uma presença, que os seus olhos, carregados de tristes pensamentos, não desvendam. “*Não imaginam que aquele desconhecido é precisamente o seu Mestre, já ressuscitado*” (MND 1). Recebem mal as Suas palavras, consideram-n’O mesmo um ignorante, que desconhece o que toda a gente sabe! Mas Jesus, com notável pedagogia, aplica-lhes um verdadeiro “*choque verbal”.* Denuncia-lhes a *pouca inteligência e uma enorme lentidão de espírito*! A seguir, Jesus recorda-lhes sábias e sabidas palavras da Escritura, onde eles bem podiam encontrar uma *luz de sentido*, para tudo o que se passou.

**4.** Diríamos que “*a luz da Palavra dissipa a dureza do seu coração e lhes «abre os olhos*». “*Por entre as sombras do dia que findava e a obscuridade que pairava na alma, aquele Viajante era, assim, um raio de luz que fazia despertar a esperança e abria os seus ânimos ao desejo da luz plena. «Fica connosco» — suplicaram. E Ele aceitou*” (MND 1).

**5.** Agora a luz repousa sobre *o pão* daquela mesa! Ali, o mesmo e duro acontecimento da morte de Jesus é recordado e celebrado, não já com sentimentos de medo e de revolta, mas de gratidão, alegria e paz. Naquele pão partido e repartido, faz-se *memória viva e agradecida da Páscoa de Jesus*, do Seu Corpo dado e do Seu Sangue derramado por nós. “*Pouco depois, o rosto de Jesus teria desaparecido, mas o Mestre «permaneceria» escondido no «pão partido», à vista do qual, se abriram os olhos deles*” (MND 1).

**6.** Eis que “*na estrada de nossas dúvidas e de nossas inquietações, às vezes de nossas ardentes desilusões, o divino Caminhante continua a fazer-se nosso companheiro, para nos introduzir, com a interpretação das Escrituras, na compreensão dos mistérios de Deus.*

*Quando o encontro se torna pleno, à luz da Palavra, surge aquela Luz que brota do “Pão de vida”, com o qual Cristo cumpre de modo máximo sua promessa de “estar connosco todos os dias até ao fim dos tempos”»* (MND 2).

**Homilia** aos alunos e educadores do Colégio de São Gonçalo

**Fica, connosco, Senhor, porque se faz tarde!**

Vistes e ouvistes a história do desencontro e do reencontro

de dois dos discípulos de Jesus,

na tarde do primeiro domingo de Páscoa.

Sabemos o nome de um deles, chamado Cléofas.

Mas desconhecemos o nome do outro.

Esse discípulo não tem um nome, porque tem o vosso nome:

o nome de cada um de vós.

**1.** Este discípulo tem o nome de todos

os que sentem escura e sem cor a vida de cada dia.

Estes dois, perdidos ou desnorteados,

desiludidos e desconfiados, perguntam-se,

como vós, pelo sentido do seu esforço

ou pela utilidade presente e futura de qualquer estudo ou sacrifício.

Este par de amigos, fugitivo e desertor,

tem o rosto de qualquer aluno,

quiçá deambulando, por aí, sem projeto.

Pelos passos perdidos do Colégio, espreitam alguns,

sem nome, aqui e além, um furo,

para esquecer o seu primeiro compromisso.

E assim dispersar para lugares,

onde julgam encontrar um refúgio seguro,

para as suas tristezas e mágoas.

**2.** É pedido então, a cada Educador desta Escola Católica,

que se aproxime, com delicada afeição, de cada aluno

e se atravesse, carinhosamente,

como Jesus, o Mestre, no seu caminho ou descaminho!

É preciso, caríssimos Educadores,

que saibais adivinhar, nas fugas e desistências, nas discussões

e desvios dos vossos alunos,

sinais e alertas, desafios de presença e de proximidade,

de diálogo e de amizade.

Perguntai, como Jesus, aos vossos alunos,

pelas razões desta ou daquela crise!

Dialogai e procurai com eles as causas do desalento,

do desencanto, da tristeza, do sofrimento interior,

que obscurecem o coração de tantos deles!

E com sábia pedagogia, que só vós sabeis ter,

reconduzi-os, pacientemente e de novo,

ao grupo original da turma, dos amigos, e mesmo da família,

da catequese e da paróquia.

Porque só integrados numa comunidade

(escolar, familiar e paroquial),

poderão ser e crescer, como homens livres

e tornar-se testemunhas felizes da vida nova

que vem da Ressurreição de Jesus.

**3.** É muito exigente este desafio, quando, porventura,

também vós, educadores, vos sentis, como eles,

desiludidos com os resultados,

desencontrados quanto aos caminhos a seguir

e desorientados a respeito das escolhas a fazer.

É ainda mais difícil, quando os alunos,

seduzidos pela própria cegueira,

«vos ignoram» ou vos rejeitam como «Mestres»,

sem autoridade, para serdes luz e guia dos seus caminhos!

**4.** Isto significa que todos,

educandos e educadores,

nos encontramos nesse mesmo caminho de Emaús.

Mas isso dá-nos também uma igual certeza e confiança:

“*ao longo do caminho das nossas dúvidas, inquietações*

*e às vezes amargas desilusões,*

*o divino Viajante continua a fazer-se nosso Companheiro*” (MND 2).

O Ressuscitado está connosco, todos os dias

e nos caminhos que dão para esta Casa!

Escutemos todos juntos a mesma Palavra de Jesus.

Ela produzirá em nós um efeito de luz, de cor e de vida,

de esperança e de alegria!

**5.** Entremos agora todos, nesta Ceia, para celebrar,

à mesa e com Jesus, o tempo da nova aliança!

Entre cada qual, nesta festa da Vida,

com a cor dos seus sonhos.

E que a Luz da Páscoa de Cristo possa ressurgir

na vida árdua de todos vós, como um “arco-íris”

de beleza, de encanto e de esperança.

Porque o Senhor Ressuscitou.

E fica connosco, para sempre.

Aleluia!

**Homilia no III Domingo de Páscoa B 2003**

***“Eles, na sua alegria e admiração, nem queriam acreditar”!***

**I.** Pelos vistos, apesar da má fama, Tomé não estava sozinho na sua dúvida e perturbação. Não foi à primeira, de facto, que também os outros discípulos acreditaram na Ressurreição do Senhor. Para chegar à consciência e fazer a experiência da Ressurreição de Jesus, os discípulos têm de percorrer todo um longo, penoso e difícil caminho, carregado de dúvidas, de desconfianças, de medos, de perturbações e incertezas. Este caminho da fé, mais ou menos longo, mais ou menos lento, segundo o ritmo de cada um, não é, pois, o caminho das evidências materiais, das provas palpáveis, das demonstrações exactas. É um caminho de fé, que se percorre, devagarinho, com o coração aberto à revelação de Deus, que se vai dando a conhecer a todo aquele que estiver pronto a acolher a Sua vida nova.

**II.** É, também deste modo, que se percebe o árduo caminho da fé, na aparição do Ressuscitado, que hoje ouvimos o evangelista São Lucas relatar. Retomemo-lo brevemente:

Jesus vem, já de noite, ao encontro dos discípulos, que estavam reunidos no Cenáculo. Volta e de imprevisto, mas no dia que o Senhor fez, dia escolhido e marcado para o encontro, precisamente ao domingo, o primeiro dia da semana. Apresenta-se e está no meio deles. Manifesta-se ali vivo, tão presente e tão real, como outrora sobre os caminhos da Palestina. Os discípulos recebem o dom da sua presença e da sua Paz. Mas resistem ainda a acreditar. Mas Jesus, com benévola compreensão, vai-os introduzindo na experiência real da ressurreição: As Palavras da Escritura encontram em Cristo o seu sentido e o seu intérprete. Os sinais da sua Crucifixão e sobretudo a sua tão familiar presença à mesa, vão desvanecendo as dúvidas e reconduzindo os discípulos à verdadeira fé. Fazendo deles, por fim, testemunhas credíveis e audazes da sua Ressurreição.

**III.** Neste relato da aparição do Ressuscitado, o evangelista São Lucas quererá, por certo, fazer-nos chegar, também a nós à fé, à experiência e ao testemunho da Ressurreição do Senhor. Podíamos também nós assentar nalgumas convicções, de importância fundamental, para viver e testemunhar a nossa experiência da Páscoa do Senhor.

**1.** Antes de mais, destacaríamos que há um tempo e um espaço privilegiados para o nosso encontro com Jesus: o primeiro dia da semana, ao domingo, e no Cenáculo, lugar onde se reúne a comunidade cristã. É no meio e no seio desta comunidade, reunida e encabeçada pelos Apóstolos, que Cristo se manifesta, que se encontra e se dá, vivo e real, à sua Igreja. Tomé terá de regressar aqui, para chegar à fé. Os discípulos de Emaús, regressam à comunidade das origens, como lugar primeiro da experiência, da partilha e do testemunho da fé. Quer dizer: o nosso encontro com Cristo Ressuscitado tem dia e sítio marcado: ao domingo, e na comunidade, reunida para celebrar a Páscoa do Senhor, na Eucaristia. «A Igreja vive da Eucaristia» (João Paulo II, *Ecclesia de Eucharistia*, 1). Fugir daqui é desviar-se do caminho da verdadeira fé. Furtar-se a esta celebração é enfraquecer a comunidade e perder a oportunidade do encontro com Jesus, que, semana a semana, nos aumenta, alimenta e sustenta na fé. A fuga da comunidade e a ausência na Eucaristia dominical só afundam, nunca aprofundam a fé do cristão nem a vida da Igreja.

**2.** É de suma importância, que, uma vez, reunidos aqui em seu nome, escutemos, com o coração a arder, a Palavra das Escrituras. É à volta desta mesa que recebemos o dom de compreender a Palavra, de a ligar com a vida, o dom de encontrar o sentido perdido de tantos dos nossos passos e de descobrir a presença de Cristo, nos errantes ou errados caminhos da nossa história.

**3.** Ao dizer que Jesus «*estava à mesa com eles*», São Lucas insinua-nos que o Ressuscitado continua a sentar-se à mesa com os seus discípulos, a partilhar as suas inquietações, anseios e dificuldades e esperanças. Na Eucaristia, Cristo faz-se companheiro do nosso caminho. Porque se aproxima, parte e reparte connosco o pão da vida. «*A Eucaristia é verdadeiro banquete, onde Cristo se oferece como alimento»* (Ib., 16), como dom, como presença e companhia. Quer dizer, o nosso caminho de fé parte sempre da Eucaristia e regressa a ela de novo. «*É um caminho longo, cheio de obstáculos, que superam a capacidade humana; mas temos a Eucaristia e, na sua presença, podemos ouvir no fundo do coração, como que dirigidas a nós, estas palavras: “levanta-te e come que tens ainda um longo caminho a percorrer*”» (Ib., 61).

**4.** Também para nós, aqui, como outrora para os discípulos, a fé na presença na presença viva e real de Jesus na Eucaristia, «*é um mistério grande que nos excede e põe à dura prova a capacidade da nossa mente em avançar para além das aparências. Aqui os nossos sentidos falham, mas basta-nos simplesmente a fé, radicada na palavra de Cristo que nos foi deixada pelos Apóstolos*» (Ib., 59; cf.15). «*Se a razão experimenta os seus limites diante do mistério, o coração, iluminado pela graça do Espírito Santo, intui bem como comportar-se, entranhando-se na adoração e num amor sem limites*» (Ib.,62).

**IV.** Em pleno mês de Maio, e neste Dia da Mãe, se queremos compreender a riqueza da Eucaristia, «*não podemos esquecer Maria, “mulher eucarística” na totalidade da sua vida*» (Ib., 53). Pois «*se a Eucaristia é – como disse - um mistério de fé, que excede tanto a nossa inteligência que nos obriga ao mais puro abandono à Palavra de Deus, ninguém melhor do que Maria pode servir-nos de apoio e de guia nesta atitude de abandono» e de fé. Maria parece dizer-nos agora: “Não hesiteis. Confiai na Palavra de Meu Filho. Se ele pôde mudar a água em vinho, também é capaz de fazer do pão e do vinho o seu Corpo e o seu Sangue, entregando aos crentes, neste mistério, o memorial vivo da sua Páscoa e tornando-se assim pão da vida*” (Ib., 54).

Com o coração repleto de gratidão, bem podemos exclamar em cada Eucaristia: «*Oh Verdadeiro Corpo do Senhor, nascido para nós da Virgem Mãe*».

Homilia no III Domingo da Páscoa B 2000

1. **As aparições do Ressuscitado**

Acabam de falar n’Ele, e eis que aparece de novo! O Ressuscitado apresenta-Se, mais uma vez, no meio deles. E eles, (coitados!) já nem ganham para o susto! Cheios de medo, julgavam ver um espírito! E Jesus, como de outras vezes, lá lhes aquece o coração com palavras da Escritura, a fim de lhes abrir o entendimento. E à palavra explicada associa o gesto eloquente, o gesto que o identifica: o partir do pão, sentado ali com eles à mesa, em ceia de íntima amizade.

Entre a admiração e a alegria, o medo e a descrença, Jesus come com eles e mastiga-lhes o pão da Palavra, para que pudessem “digerir” tudo quanto tinha acontecido e entender que era Jesus mesmo: «aquele que vós entregastes e negastes na presença de Pilatos (...) mas que Deus ressuscitou dos mortos” (Act.3,13-15)... Jesus parece dizer: “A vossa ignorância até vos desculpa, mas agora só tendes um remédio: pregar, em meu nome, o arrependimento e o perdão dos pecados”! Pedro não perdeu tempo e diz ao povo: “Matastes o autor da Vida! Mas Deus fez o que prometera e ressuscitou-o! Portanto arrependei-vos e convertei-vos para que os vossos pecados sejam perdoados” (Act 3,18-19)!

São assim as aparições: O Ressuscitado toma a iniciativa e vem ao encontro dos discípulos. Aquece-lhes o coração com a Palavra das Escrituras. Fortalece-os na fé com o pão repartido! E, uma vez confirmados na fé, constitui-os testemunhas. Envia-os em missão. E eles começam a pregar tal como o Mestre no princípio: «*arrependei-vos e acreditai no Evangelho*» (Mc 1,15).

**2. As aparições de Fátima**

Neste mês de Maio e neste dia tão especial (da Mãe) não posso deixar de ligar as aparições do Filho às aparições da Virgem Mãe. E as semelhanças são mais que muitas!

- Também em Fátima, a iniciativa vem do Alto! E o encontro da Mãe com os mais pequeninos parece suscitar neles o mesmo medo e a mesma alegria, o mesmo calor no coração e a mesma ousadia no testemunho.

- Se os discípulos de Emaús puderam dizer “*não nos ardia cá dentro o coração quando Ele nos falava pelo caminho e nos explicava as Escrituras*” (Lc 24,32), o Francisco pôde dizer: “*nós estávamos a arder naquela luz que é Deus e não nos queimávamos. Como é Deus?! Não se pode dizer! Isto sim, que a gente nunca pode dizer*». A Jacinta confessava: «*Gosto tanto de dizer a Jesus que o amo! Quando lho digo muitas vezes, parece que tenho lume no peito mas não me queimo*”! A alegria do Francisco é de uma inocência encantadora: «*Do que gostei mais foi de ver a Nosso Senhor naquela luz que Nossa Senhora nos meteu dentro do peito*».

Como os discípulos de Emaús, ao anoitecer, tinham reconhecido Jesus na fracção do Pão, também os Pastorinhos comungam do Corpo e Sangue de Cristo, «*quando era já noite e hora de ir para casa*». Jacinta diz com toda a graça da infância: «*olha: diz a Jesus escondido que Eu gosto muito dele e que o amo muito*». Eles não confundem o que vêem. Distinguem entre um espírito sem ossos e uma pessoa real. Jacinta atesta mesmo, com ingénua clareza, quando desconfiam da sua visão de Nossa Senhora: «*Não é o demónio não. O demónio dizem que é muito feio e que está debaixo da terra, no Inferno; e aquela Senhora é tão bonita! E nós vimo-la subir para o Céu*».

E - para completar as semelhanças no quadro das aparições do Filho e da Mãe - atendamos ainda ao testemunho do Apóstolo Pedro. Este, tendo encontrado o Ressuscitado, anunciava a urgência da conversão: «*convertei-vos para que os vossos pecados sejam perdoados»* (Act.3,19). Francisco, o pastorinho, confidencia: «*Gosto tanto de Deus, mas Ele está tão triste por causa de tantos pecados. Se eu O pudesse consolar*»! E Jacinta, a vidente mais rebelde, estava sempre disposta a mais um sacrifício, para a salvação dos pecadores, rezando: «*ó Jesus, é por vosso amor*». Se o Francisco sentia na pele a dor de Deus e queria consolar Jesus, Jacinta «*doia-lhe o peito*» e não perdia a oportunidade de se oferecer «*como vítima de expiação pelos nossos pecados e pelos pecados do mundo inteiro*» (I Jo.2,2). Ela estava bem unida a «*Cristo, o Justo, que, como nosso advogado, junto do Pai, intercede por nós, pobres pecadores*» (I Jo.2,1), de quem a vidente dizia: «*Coitadinhos! Havemos de rezar e fazer muitos sacrifícios por eles*».

**3. Testemunhas de todas estas coisas!**

“*Assim está escrito que o Messias havia de morrer e ressuscitar e que havia de ser pregado em seu nome o arrependimento e o perdão dos pecados a todas as nações, começando por Jerusalém*” e passando por Fátima. Lá a Mãe nos veio recordar os apelos do Filho. E o que é mais belo é ter escolhido, como o Filho, as crianças para “*serem testemunhas de todas estas coisas*”! Sejamos todos crianças, no colo desta Mãe tão bonita!

Pe. Gonçalo

## Homilia no III Domingo de Páscoa B 1994

**1. O Ressuscitado, um espírito em casa?...**

Aquilo mais parecia a casa dos espíritos! Afinal aquele que julgavam morto, deixa-se ver. Não contavam com Ele. Cristo Ressuscitado apresenta-se no meio deles. Pensavam ver um espírito. Perturbados, tímidos e duvidosos, não queriam acreditar. «*Sou Eu Mesmo*», diz Jesus, com firmeza. E mostrou-lhes alguns sinais do seu passado real. As mãos e os pés. Era o Crucificado. Não é um fantasma, uma ilusão, uma memória. É uma pessoa, uma presença viva. De tão bom que era, que nem acreditavam! Ainda duvidavam que tudo aquilo fosse um sonho, uma visão, uma saudade. Jesus compreende a dificuldade dos discípulos em chegar à fé e abre-os então ao mistério da sua pessoa com duas chaves: as **Escrituras** e o **gesto da Ceia**. Primeiro, abriu-lhes o entendimento. A partir da Ressurreição fez-lhes perceber todas as palavras da Escritura. Depois Jesus senta-se à mesa com Eles, entra na sua intimidade, lembrando-lhes o gesto da Última Ceia.

**2. Fás de um herói passado?**

Creio que a nossa relação com Cristo anda ainda muito por aqui. Tantas vezes, o Ressuscitado é apenas uma memória do passado, um «espírito» aéreo fixado nalguma parte do céu, alguém por quem até temos sentimentos de admiração e afecto... mas não uma pessoa, uma presença que sentimos viva e activa em nós. É mais um herói admirado...à maneira dos fãs de Robert De Niro, de Elvis Presley, Kim Basinger, Freddie Mercury, Elisabeth Taylor, Schwarzenegger. Penso naquela relação sentimental que alguns telespectadores têm com um actor da telenovela ou com o locutor da Rádio. Chegam a admirá-los, até a cultivar uma certa paixão, um sentimento psicológico, que não leva a nada... Nenhuma dessas figuras (passadas ou vivas) tem a força de existir realmente nas vidas de cada um, a força de mudar o curso normal da existência e muito menos a de comprometer num certo estilo de vida ou testemunho. São uma ilusão, um espírito... e nada mais...

**3. Ou testemunhas de um Vivente?**

Acreditar no Ressuscitado é bem mais do que cultivar um sentimento de admiração por um «herói» do passado. Acreditar é encontrar-se pessoalmente com Jesus, não pela via do sentimento fácil, do diálogo imaginativo, que muitas vezes dizemos ter. Porque lhe rezamos, porque até gostamos muito d’Ele. Essas são «ligações perigosas», porque passam apenas pela imaginação e pelo sentimento e nada pela Vida, muito menos pelo real e concreto. Como sei então que a minha relação com o Ressuscitado não é uma ilusão do sentimento ou uma imaginação vaga da mente? Sei que é verdadeira a minha relação com Ele quando faço a mesma experiência dos discípulos, quando O descubro pela Palavra das Escrituras e o reconheço no gesto da Ceia. Ninguém tem acesso a um conhecimento profundo, a uma relação viva e vital com Jesus Cristo sem «**este entendimento das Escrituras**», sem a escuta e vivência da Palavra de Deus. E também sem a familiaridade e convivialidade com Ele na **Ceia Eucarística**.

É por aqui que passa a verdade da nossa fé. Aqui sim, sabemos que é Ele que nos fala, que se revela e se dá a conhecer. Por aqui sabemos que Ele mesmo está presente e se comunica. Pois ele próprio o atestou. O resto, isso de relações diretas, vias rápidas do sentimento, não passam de ligações perigosas mais afetivas que efetivas! E Cristo Ressuscitado não é um «espírito». É Aquele que vive e vive para sempre! Aqui e agora, em Eucaristia. O Senhor ressuscitou! E nós somos disso testemunhas. Aleluia!

**Crónica - Rádio III Domingo de Páscoa**

Parecia a casa dos espíritos. Entrava de portas fechadas e quando parecia reconhecido escapava sem ninguém dar conta. Não ganhavam para o susto. Ele ia e vinha, aparecia e desaparecia como quem não tem ossos e carne, mas estava e permanecia como pessoa viva, real e presente. Era Cristo Ressuscitado. Veio dos abismos da morte sacudir o medo dos discípulos, infundir-lhes a paz e recobrar o ânimo. Tenho-me dado a pensar nestas histórias e a perceber que o susto não era para menos. Mas, para lá deste intrincado mistério, vem-nos à mão este espectacular texto da pena de São Lucas, a falar-nos de uma aparição, logo a seguir àquela que puderam sentir os discípulos no caminho de Emaús. E agora é como sempre. Eles não descobrem à primeira, não entendem, não chegam á relação vital. Ficam-se pelo medo do fantasma, pela ideia da ilusão. E Jesus usa **duas chaves** que nos espantam. Para começar abre-lhes a **Bíblia** e de passagem em passagem vai-lhes abrindo os olhos, ardendo o coração e pela Palavra fá-los chegar à perceção de uma presença misteriosa. Mas como se a palavra não bastasse, **senta-se à mesa**. E parte o pão. E come o peixe. E naqueles gestos tão simples como significativos eles percebem e reconhecem a presença do Ressuscitado. Por isso, meus amigos, vocês que até me ouvem pela rádio e dizem que tal basta para conhecer Jesus e que a Missa não é precisa para nada e que até rezam muito afetuosamente ao Mestre... Vamos lá ver se somos diferentes dos discípulos.

Tudo bem! Quer dizer, tudo mal. Porque não há acesso à relação com o mestre sem estas duas chaves: **a Palavra que o revela e o Pão partido que o faz presente**. O resto é conversa. Sem palavra de Deus, corremos o risco de estar a rezar mais a falar para nós do que para Deus. Ao contrário quando, com os outros nos reunimos estamos certos da sua presença, quando o ouvimos na sua Palavra estamos seguros de ele estar em diálogo connosco. Depois é na mesa que se tecem amizades e não basta ouvir para conhecer. É preciso tocar, sentir, palpar, ver. E isso acontece sempre que o Mestre nos senta à mesa com Ele na Eucaristia.

Se queremos apenas uma ligação com Cristo, via direta pelo sentimento e pelo pensamento, corremos o risco de fazer d’Ele um herói do passado que adulamos, o artista da novela que está longe e de quem nos apaixonamos. E Cristo não é o Schwarzenegger, nem a Elisabeth Taylor, nem o Robert De Niro. Quer dizer, não é alguém por quem temos admiração e afeto, mas que estão lá e nós cá. Cristo Ressuscitado não é um herói do passado nem um espírito da mente. É uma pessoa, uma presença, um Vivente. Na palavra que o diz, no pão em que se dá. Na comunidade onde se encontra. O resto é paleio, risco, ilusão e afeto sem efeito. O resto são ligações perigosas. Para nós Cristo é o Vivente, ressuscitou e está vivo para sempre. Bom Domingo. Ainda é Páscoa e o Senhor Ressuscitou. Aleluia.

**ORAÇÃO DOS NOIVOS**

**Senhor Jesus Ressuscitado:**

Quando um dia, parecia que a tarde caía,

e caminhávamos cegos pelo mundo,

sem rumo e sem esperança,

no desencanto da hora presente

com medo do futuro e do compromisso,

Tu irrompeste na estrada das nossas vidas

e cruzaste o nosso caminho!

Confidente, discreto, companheiro e Amigo,

escutaste a voz trémula do nosso coração!

Deste-nos, firme, a Tua Mão,

aproximaste os nossos passos vacilantes,

e fizestes que eles seguissem em caminho largo,

e na mesma direcção.

**Senhor Jesus Ressuscitado:**

Tu vens até ao nosso meio,

e trazes luz às nossas discussões,

entendimento às nossas incompreensões,

Paz aos nossos corações.

Agora, que se aproxima a hora da intimidade,

da entrega, da partida e da missão,

agora que chega o tempo sem tempo,

de darmos inteiros o corpo e a alma,

o sangue e a vida,

um pelo outro e para sempre,

eis-nos diante de Ti, Senhor Jesus Ressuscitado:

Nós Te suplicamos, como os discípulos de Emaús:

**Fica connosco, Senhor!**

**Fica connosco, Senhor**, porque sem Ti,

a maravilhosa centelha deste sentimento de amor,

corre o risco de se apagar no gelo da noite!

**Fica connosco, Senhor**, porque sem Ti,

os nossos pensamentos de amor,

podem ceder à loucura da imaginação.

**Fica connosco, Senhor**, porque Sem Ti,

 a nossa vontade de amar,

pode conhecer o desespero e o cansaço!

**Fica connosco, Senhor,**

porque só a graça do Teu perdão e do Teu amor,

só a Luz da Tua Palavra e da Tua presença,

podem fazer amadurecer e frutificar o nosso amor.

**Fica, connosco, Senhor**,

e faz do nosso amor expressão viva daquele Amor

com que Tu amaste a Igreja,

Tua Esposa querida,

e assim nos amaste primeiro…

e até ao fim!